

Introdução

Esta é a situação. No cume do monte do Purgatório, Dante perde a Virgílio. Guiado por Beatriz, cuja formosura cresce em cada novo céu que tocam, recorre esfera por esfera concêntrica, até sair àquela que circunda as outras, que é a do primeiro móvel. A seus pés estão as estrelas fixas; sobre elas, o empíreo, que já não é céu corporal e sim eterno, feito somente de luz. Elevam-se ao empíreo; nessa infinita região o remoto não é menos nítido que o que está muito próximo. Dante vê um alto rio de luz, vê bandos de anjos, vê a múltipla rosa paradisíaca que formam, ordenadas em anfiteatro, as almas dos justos. De repente, adverte que Beatriz o deixou. A vê no alto, em um dos círculos da Rosa. Como um homem que no fundo do mar eleva os olhos na região do trovão, assim a venera e a implora. Rende-lhe agradecimento por sua benfeitora piedade e lhe encomenda sua alma.¹

Nesta passagem Jorge Luis Borges descreve aquele que lhe parece um dos momentos mais belos da *Divina Comédia*. Refere-se ao instante em que Beatriz abandona o poeta florentino para juntar-se às almas que formam a rosa paradisíaca. A dama, após um sorriso, retorna à fonte eterna de onde tinha se afastado apenas para conduzir o poeta ao cume do Paraíso. Segundo Borges, a intensidade oferecida aos versos em que Dante descreve a cena nos levaria a pensar que o poema como um todo se justifica em função destes versos. Nas palavras do autor: “*Suspeito que Dante edificou o melhor livro que a literatura já alcançou para intercalar alguns encontros com a*

¹ BORGES, Jorge Luis. *Nueve ensayos dantescos*. Madri, Espasa Calpe, 1983, pp 155/156. Tradução livre do espanhol: “He aquí la situación. En la cumbre del monte del Purgatorio, Dante pierde a Virgilio. Guiado por Beatriz, cuya hermosura crece en cada nuevo cielo que tocan, recorre esfera tras esfera concêntrica, hasta salir a la que circunda a las otras, que es la del primer móvil. A sus pies están las estrellas fijas; sobre ellas, el empíreo, que ya no es cielo corporal sino eterno, hecho sólo de luz. Ascendemos al empíreo; en esa infinita región (como en los lienzos prerrafaelistas) lo remoto no es menos nítido que lo que está muy cerca. Dante ve un alto río de luz, ve bandadas de ángeles, ve la múltiple rosa paradisíaca que forman, ordenadas en anfiteatro, las almas de los justos. De pronto, advierte que Beatriz lo ha dejado. La ve en lo alto, en uno de los círculos de la Rosa. Como un hombre que en el fondo del mar alza los ojos a la región del trueno, así la venera y la implora. Le rinde gracias por su bienhechora piedad y le encomienda su alma.”

irrecuperável Beatriz.”² Borges vai ainda mais longe e declara: “... os círculos do castigo e o Purgatório e os nove círculos concêntricos e Francesca e a sereia e Bertrand de Born são intercalações; um sorriso e uma voz, que ele sabe perdidos, são o fundamental.”³

Segundo a interpretação poética sugerida pelo escritor argentino no ensaio publicado no livro *Nueve ensayos dantescos*, o poema teria sido escrito na intenção de edificar um maravilhoso reino dos beatos para Beatriz, rendendo as homenagens que Dante prometera à dama nos últimos versos da Vida Nova⁴.

Entretanto, não podemos afirmar ao certo quais às intenções do poeta ao redigir a obra, mas temos certezas quanto ao que ele escreveu. Sabemos que o peregrino se despede de Beatriz como já havia feito com Virgílio no canto XXX do Purgatório.

Seria possível interpretar o episódio considerando que o autor-personagem não carecia mais de guia depois de atravessar os círculos infernais, de subir o monte do Purgatório e cruzar os nove céus que compõem o reino celeste até a rosa dos beatos. Nesse instante, Dante encontrava-se diante da eterna fonte de luz e, a partir desse momento, não há mais a necessidade de Beatriz. Ele chegara até a unidade, onde não existe a diversidade das almas, onde tudo é luz, onde tudo é Deus.

Assim, observamos que, alcançado o fim Supremo para o qual o poeta teria empreendido a viagem pelos três mundos que compõem o Além, os instrumentos para conquistar este fim já não são necessários. Virgílio e Beatriz, os guias de Dante em sua jornada até a divindade, se despedem do peregrino quando foi cumprida sua missão.

Devemos admitir que para o poeta florentino o fim supremo da humanidade consistiria em chegar a Deus mesmo que, infelizmente, alguns se percam neste caminho. Para conduzir o homem a este fim, ou seja, até o Paraíso, ele estabeleceu dois guias, cada um responsável por uma parte do trajeto. Dante escolheu o autor da *Eneida* como mestre para conduzi-lo desde o Limbo — onde se encontrava perdido nos primeiros versos da *Comédia*— através dos nove círculos do Inferno, até o topo da montanha onde purgam os pecados aqueles que um dia entrarão no reino celeste. Ali, o poeta se afasta

² BORGES, Jorge Luis. Idem, pp158.

³ BORGES, Jorge Luis. Ibid, pp158.

⁴ “...espero dizer dela o que nunca se disse de nenhuma.” DANTE ALIGHIERI. *Vida Nova*. São Paulo, Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1973, pp 190.

de seu companheiro de viagem para encontrar a formosa Beatriz, que surge ao final do Purgatório para guiá-lo ao longo do terceiro reino do Além até a rosa dos beatos. Mas por que dois mestres e não apenas um? Por que Dante não entra na esfera celeste acompanhado de Virgílio, já que juntos haviam feito todo o percurso até ali? Ou então, porque não foi a bela dama quem assumiu o papel de único guia, já que ela mesma havia ido até o Limbo pedir a ajuda de Virgílio para salvar Dante da “selva escura”, na qual andava perdido nos versos que abrem o poema?

Primeiramente, podemos considerar que, segundo Dante, não ficaria nada bem entrar no Paraíso acompanhado de seu mestre pagão, que jamais fora batizado, posto que não se conhecia a doutrina cristã na época em que viveu. Por outro lado, tampouco seria de bom tom passear com Beatriz pelos castigos infernais e sofrimentos das almas que purgam seus pecados no outro mundo. Por último, poderíamos sugerir que um único guia não seria suficiente e que houve mesmo a necessidade dos dois para conduzir o homem até sua salvação. Deste modo, Virgílio, o filósofo, a razão, seria um instrumento para alcançar a divindade, mas não o único. Se a especulação racional foi para o poeta um meio de compreender as verdades sagradas que conduzem ao Criador, ele não dispensou a fé e o amor nesse caminho. Em virtude disso, Beatriz, a sublime personificação do amor, foi o guia escolhido por Dante para acompanhá-lo pelo último dos três mundos que compõem a *Divina Comédia*. Seriam necessários, portanto, dois guias para conduzir o homem à salvação eterna.

A reflexão de Dante contempla um ideal do gênero humano que necessita de um duplo poder de direção que emana de Deus e a Ele conduz. Assim como Virgílio e Beatriz foram escolhidos pelo poeta como seus guias no Além, ele também concebe dois poderes que conduziriam o homem enquanto ainda habita o plano terreno. Nesta pesquisa, procurarei estudar como Dante estabelece a distinção entre os dois guias que devem conduzir a humanidade ao fim que lhes foi designado. Este é o tema central que pretendo desenvolver ao longo do trabalho.

Tal discussão foi feita por Dante em seu tratado intitulado *Monarquia*, escrito no início do século XIV, que marcou a passagem do autor pela filosofia política. Na obra, o poeta define dois poderes que guiariam a espécie humana: a Igreja, responsável pela salvação da alma, e o Império, responsável pelo fim do corpo.

Ao longo do estudo pretendo analisar o tratado buscando compreender como o autor define a necessidade de uma autoridade dupla no mundo. Para isso, deve-se entender a distinção que ele fez entre um fim para a natureza corruptível do homem, o qual se encerraria nesta vida, e outro para sua natureza incorruptível, que somente no céu se completa.

Como Virgílio, que acompanha Dante pelo Inferno e Purgatório, o Imperador seria uma espécie de guia do gênero humano até seu fim terreno. O mestre romano não conduz o viajante até a divindade, mas ele o leva pelos dois reinos inferiores que compõem a geografia do Além, isto é, por uma parte do caminho que deve ser percorrida antes de alcançar a esfera celestial. Da mesma forma, o Império, através dos ensinamentos das virtudes morais e da filosofia, seria a autoridade capaz de governar os homens no mundo, criando as condições para que eles possam usufruir de paz e justiça e assim alcançar o fim terreno se dedicando livremente a contemplação que conduz a Deus.

Por sua vez, Beatriz, símbolo da fé e do amor que levam a alma à salvação, aparece ao poeta às margens do rio Letes para iluminar o caminho até a rosa dos justos, assim como a Igreja indica ao cristão o caminho do bem até o fim espiritual. Através da contemplação e do amor a Deus, o homem se eleva às alturas sublimes, recebendo da Igreja os ensinamentos sagrados que apenas ela detém. Com efeito, para Dante, cada poder guiaria o homem em uma parte do percurso e, desta forma, não haveria conflito entre ambos. Não é o caso de pensar que os poderes atuassem em tempos distintos na passagem do homem por esta vida, mas apenas que se referem a aspectos diferenciados da existência humana.

O tema será trabalhado em quatro capítulos ao longo da dissertação. No primeiro, apresentamos o poeta florentino, estudando um pouco da sua vida, sua formação, a passagem pela vida pública, e o conturbado fim no exílio, buscando compreender a relação destes acontecimentos com sua obra, fundamentalmente com a *Monarquia*. Buscarei entender como Dante define o papel do “intelectual” e, conseqüentemente, como compreende sua função, ao mesmo tempo, de homem do conhecimento e da vida pública, que para ele não estariam em oposição, mas, ao contrário, apareceriam

associados em sua experiência pessoal. A ação política e a especulação intelectual estariam em harmonia na figura do poeta.

No segundo capítulo, pretendo compreender quem foi o interlocutor da *Monarquia*, ou melhor, qual foi a posição a que Dante procurou se contrapor e desde qual perspectiva ele enuncia seu discurso. Ao escrever o tratado com o intuito de fazer uma defesa do Império, o autor opõe-se a um modelo de Igreja estabelecida nos últimos séculos da era medieval, após um lento processo no qual ela acabou por assumir feições de um verdadeiro Estado imperial. Esclarecer este processo significa estudar os argumentos e doutrinas que forneceram base teórica ao papado como se encontrava organizado durante o período em que o poeta viveu. Por outro lado, buscarei compreender as teorias em favor do Imperador germânico, formuladas, essencialmente, desde a perspectiva do modelo romano que pretendeu se impor, ao mesmo tempo, como o único centro organizador e como o instrumento de salvação de todo o mundo a ele ligado.

Para compreender o posicionamento de Dante em relação às teorias imperiais procurarei analisar, no terceiro capítulo desta pesquisa, a influência do movimento de tradução de Aristóteles e a incorporação de sua filosofia ao pensamento cristão. Tentarei, ainda, entender como este pensamento foi fundamental na concepção de mundo do autor e em sua formulação do modelo imperial. A partir da filosofia aristotélica e do pensamento de Santo Tomás de Aquino a percepção do papel do homem em seu caminho até a divindade teria sofrido transformações e, neste sentido, sua própria atuação no mundo passaria a ter uma nova significação. Ou seja, se o cristão, através de sua especulação racional, conseguia se aproximar da natureza divina, e, portanto, participar do conhecimento das verdades sagradas, ele entende que poderia, também, pensar e agir sobre as coisas terrenas. Ainda, a filosofia tomista promoveu uma cisão entre o que seria a ordem natural e a ordem da graça abrindo o horizonte para que Dante, posteriormente, fundamentasse sua defesa imperial numa distinção do guia temporal em relação ao guia espiritual.

Finalmente, no último capítulo, farei uma análise do tratado buscando entender como o autor estabelece os argumentos em favor do Império e, especificamente, como prossegue nesta distinção entre uma função do governante secular e outra da autoridade

espiritual. Pretendo compreender o tratado considerando que Dante parte da percepção de duas dimensões distintas no interior de cada homem.

Resumindo, o trabalho consiste em uma análise da *Monarquia*, sem deixar de lado a reflexão do autor no conjunto de sua obra. Os argumentos de Dante compreendem-se numa perspectiva do cosmos organizado na forma como sugere em seu poema sacro, no qual o Criador divino, representando a unidade perfeita das coisas, encontra-se acima, no centro e no fim do universo assim como da própria trajetória humana. Dentro desta concepção de mundo, o poeta observa duas dimensões que poderíamos simbolizar na figura de Virgílio e Beatriz, na razão e no amor, no terreno e no sublime ou no Império e na Igreja. Em um pensamento assentado na experiência de unidade entre o transcendental e o imanente (sentidos humanos), o dualismo sobre o qual Dante constrói a argumentação no tratado desperta um interesse especial e uma vontade de conhecer melhor o texto.